

AS DISCIPLINAS ESCOLARES A SERVIÇO DO CONHECIMENTO

As disciplinas escolares são um meio, não um fim. Assim, *cumprir um programa* preestabelecido, levando aos alunos uma quantidade de conteúdos descontextualizados e que, à primeira vista, não têm utilidade ou aplicação, vem se revelando como prática ineficaz. Não basta, por exemplo, ensinar Matemática, sem que se saiba para que e como fazê-lo, de modo a dar sentido ao mundo em que vivem alunos e professores.

E nada nos faz ter certeza de que, não só a Matemática, como as igualmente tradicionais Geografia, Português ou História devam se manter compondo o currículo que pauta a vida na escola de crianças e jovens. "Por que não Antropologia, Sociologia e Economia", questiona o pesquisador espanhol Fernando Hernández, doutor em Psicologia e diretor da Divisão de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Barcelona, Espanha. "Se quero construir uma sociedade mais democrática, essas disciplinas são mais importantes. E, se estudo Economia, necessito da Matemática.

No entanto, sua função será totalmente diferente", explica. Hernández esteve semana passada, em São Paulo e no Rio (onde, anualmente, participa da série *Encontros Instigantes*, de palestras voltadas para professores do Ensino Básico), para abordar, mais uma vez, o tema no qual tornou-se referência em vários países do mundo: a organização do currículo por projetos de trabalho.

O tema dá título a um de seus livros e pressupõe não só converter o docente em pesquisador, em vez de reprodutor de métodos e conteúdos, e o aluno em sujeito do conhecimento, não um receptor passivo. "Quando se introduz na escola a abordagem por projetos de trabalho, buscam-se as disciplinas para se desenvolverem temas, para que se compreenda a realidade", explica Hernández, que vem regularmente ao Brasil, já morou em Belo Horizonte, por quatro meses, quando trabalhou na Universidade Federal de Minas Gerais, e acaba de lançar *Aprendendo com as inovações nas escolas* (Artmed, 2000). "De nada adianta ensinar primeiro ao aluno a contar até dez, para depois ensinar a somar, e assim por diante, se uma criança de seis anos já chega à escola querendo saber sobre assuntos que envolvem números galáticos, na casa dos quatrilhões".

ENTREVISTA com FERNANDO HERNÁNDEZ

ELIANE BARDANACHVILI

- A educação, hoje, precisa se desconstruir para se estruturar sobre novas bases. De que forma a organização do currículo por projetos de trabalho integra-se a esta nova escola?

- É importante frisar, primeiro, que há uma diferença entre a organização do currículo por projetos de trabalho, com sua perspectiva educativa, e o que se chegou a chamar de *pedagogia de projetos*. Esta última é uma proposta dos anos 20, que se deu nos Estados Unidos, quando se desejou criar uma escola democrática em que se abordasse aquilo de que se tratava na realidade, e que envolveu muitos educadores inovadores da época. Essa *pedagogia de projetos* e a aproximação da escola com o que acontece fora dela é uma idéia poderosa, mas o contexto histórico, social, de mudança, nos anos 20, nada tem a ver com o que sabemos hoje sobre o ensino e a aprendizagem. O ponto comum entre *pedagogia de projetos* e a organização do currículo por projetos é considerar o que acontece fora da escola. E só.

- Como se realiza este trabalho por projetos, então?

- Os projetos, em primeiro lugar, valorizam o trabalho do docente, convertem o docente em um pesquisador do próprio trabalho, em alguém que trabalha sobre o emergente, que dialoga com o aluno e o torna uma pessoa curiosa. Trabalhar a partir de projetos pressupõe não se verem meninos e meninas só como alunos, como aprendizes, mas como sujeitos, levando em conta suas histórias, suas biografias, suas preocupações. Introduce-se a pesquisa em sala de aula. Os alunos aprendem a pesquisar e a utilizar esta prática no futuro, autonomamente, em outros momentos de suas vidas. Enfim, redefine-se o papel dos conteúdos, das disciplinas, da organização do tempo e do espaço.

- Um novo perfil para a escola...

- Sim. Trabalha-se a partir de estratégias de reflexão e considera-se que aprender não é só uma questão cognitiva, mas uma questão emocional. O trabalho por projetos envolve tudo isso. Não se trata de organizar aquilo que se ensina na escola a partir de projetos, mas que se aborde como projeto tudo o que se trabalha na escola, desenvolvendo-se uma maneira de repensar, de se refletir sobre a situação dessa escola, hoje, que, ainda está com uma estrutura do começo do século e que não se adapta às mudanças sociais, culturais e às mudanças dos sujeitos e do conhecimento que se está produzindo na sociedade da informação.

- A que o senhor atribui a estagnação da escola? Por que a escola não acompanhou essas mudanças sociais que o senhor descreveu?

- Hoje, a escola tem um desafio: educar **todas** as crianças. Há 20 anos, havia a escola para a elite e uma escola popular, que buscava direcionar o aluno para o mundo do trabalho. Hoje, as escolas, nos países do primeiro mundo, inclusive, tentam articular o mesmo corpo de ensino e aprendizagem para todas as crianças e jovens, até os 16, 18 anos. E a tradicional função da escola, que era a de contribuir para reproduzir as relações sociais começou a ter que se modificar. Acontece que, ao mesmo tempo em que essas mudanças vão se processando, os professores vão se desprofissionalizando.

- Por quê?

- Cada vez menos, os professores tomam as decisões sobre suas práticas. Em alguns documentos produzidos pelo Ministério da Educação, em Brasília, como o que foi publicado sobre a formação do professor do Ensino Básico, em maio (Diretrizes Curriculares Nacionais), o perfil proposto é o de um professor técnico, quando ele, hoje, precisa relacionar-se com uma nova realidade, com uma infância que mudou seu conceito e que não se encaixa mais no que dizem os livros de Psicologia do Desenvolvimento, quando os conhecimentos que se produzem fora da escola deixam completamente obsoletos os conteúdos que se ensinam nesta escola, que trabalha sobre o existente e não, ainda, sobre o emergente.

- De que forma essas demandas levam à opção pelos projetos de trabalho?

- No início dos anos 70, conheci, na Inglaterra, os efeitos de um trabalho desenvolvido nas escolas, sob uma proposta de currículo que não se organizava por disciplinas, mas por temas emergentes. E os jovens viam-se envolvidos por esses temas, que davam sentido a seu mundo. Estudantes de classes populares, operárias, chegaram à universidade. O trabalho potencializava muito a autonomia das escolas. Interessei-me muito por essa possibilidade de recuperar o debate político dentro da escola, em vez de uma relação que passasse só por processos cognitivos, por competências, pela *psicologização* da educação. A escola é um espaço político, porque é o caminho para a inserção social do indivíduo. Voltei a Barcelona e conheci quatro professores de terceira e quarta séries, que estavam discutindo a possibilidade de ensinar as crianças a globalizar, isto é, encontrar pontos em comum entre as disciplinas, queriam criar uma alternativa para o fechamento que representava o ensino disciplinar. Trabalhei com eles durante cinco anos e o resultado da experiência está no livro *A organização do currículo por projetos de trabalho*, traduzido no Brasil.

- Em vez de abrir as portas, o trabalho por projetos não leva ao risco de restringir a atuação de professores e alunos, ao se tentarem 'encaixar' as disciplinas no tema definido?

- Há toda uma visão *didatista*, que acaba levando à idéia de que o trabalho por projetos é uma metodologia. Quando nosso livro foi divulgado, muitos leitores, justamente, pela *inércia didatista*, não utilizaram a perspectiva aberta criadora e criativa que havia no trabalho por projetos e o transformaram em uma técnica. Por isso, quando morei no Brasil, em 1997, decidi escrever um segundo livro só para os brasileiros que recuperasse toda a noção de transgressão e mudança (*Transgressão e Mudança em Educação*), vinculada aos projetos. O livro só existe em português. Procuro passar nas palestras que realizo a visão educativa do trabalho por projetos e não como fazê-lo em sala de aula.

- Como se eleger o problema que norteará o trabalho? Vem do professor, vem do aluno a sugestão? Trabalha-se com vários temas ao mesmo tempo, a fim de que se contemplem várias disciplinas?

- É importante diferenciarmos o tema de um trabalho e o problema que gerou este tema, que é o que nos interessa. Posso trabalhar com um tema, por exemplo, os terremotos, mas abordando o problema da relação da terra com os fenômenos da natureza, dando ao aluno uma noção de sistema. Esses projetos podem ser definidos pelos alunos, pelos professores e, em algumas escolas, pelos pais e mães também. Essas propostas são recebidas e, a partir delas, articula-se o currículo para um semestre ou um trimestre. E os projetos prevêem que se pode trabalhar com alunos de várias séries ao mesmo tempo, juntos, para se responder à questão inicial que suscitou esse projeto.

- É uma desconstrução mesmo da escola...

- Já há países em que o professor não é mais especialista em uma única disciplina, mas em pelo menos duas. Hoje, trabalha-se com a idéia de que o professor tem como projeto educar e não defender o espaço de sua disciplina, o que visa muito mais a se manter um *status quo* e uma imobilidade contra a mudança.

- Professores e escola têm preparo suficiente para fazer um trabalho como esse sem cair no uso de métodos e no 'didatismo'?

- A tradição da escola é a de considerar o docente como uma pessoa que faz, mas não como uma pessoa que pensa sobre o que faz; o docente seria aquele que leva para a prática aquilo que outros, fora da escola, pensaram. É preciso começar a quebrar esse discurso histórico. O problema não é de o professor não estar bem-formado, mas de não se sentir seguro para fazer mudanças, porque não tem poder para decidir. É preciso uma formação que, em vez de dizer ao professor o que fazer, o acompanhe em seu trabalho. É preciso que a escola tenha um espaço de debate, de parceria, de reflexão, durante o horário de trabalho do professor.

- Como se articulam o trabalho por projetos e a necessidade de se abordarem as diferentes disciplinas curriculares ao longo do ano letivo?

- Hoje, nas escolas, trabalha-se com, no máximo, dez disciplinas, ou melhor, matérias escolares. E não sabemos por que devem ser estas as escolhidas, sempre. Primeiro, há uma diferença grande entre matérias e disciplinas. Disciplina é o que os especialistas, fora da escola, estão pesquisando, nos laboratórios, nas universidades. A escola, depois, toma esse trabalho e o traduz em matérias escolares. E há, ainda, os saberes, que não são nem matérias, nem disciplinas. São, primeiro, necessários para a vida e, depois, alguns vão se tornar disciplinas, ou seja, vão se transformar em saberes disciplinados. Há o saber sobre o campo, por exemplo, que, depois, pode ser disciplinado pela Agronomia; há saberes importantes que não estão convertidos em disciplinas, como o saber de uma pessoa sobre si, sobre seu equilíbrio emocional. Na escola, há uma perda de escolarização.

- Como essa perda se expressa?

- Hoje, há entre 25 mil e 30 mil campos de pesquisa e, na escola, ensinam-se dez. Por quê? Não seria importante ensinar-se Antropologia, quando necessitamos refletir sobre a diversidade do ser humano? Ou abordar questões relativas à Bioética ou, ainda, à Economia? Por que aquelas dez disciplinas, e não as que, hoje, nos ajudam a responder sobre a realidade? Hoje, 50% dos conhecimentos de que uma criança que está fazendo a primeira série necessitará para compreender o mundo daqui a dez anos ainda não foram produzidos. Como se prepara a criança para algo que não sabemos o que será?

Aprendizagem: um prazer

- Muito se discute sobre a importância de uma abordagem interdisciplinar dos conteúdos a serem trabalhados na escola. O trabalho por projetos seria um caminho para isso?

- Considero a concepção interdisciplinar um pouco forçada. Tem sua raiz no que se chamam de centros de interesse. Toma-se um tema e força-se que todas as matérias do currículo caibam neste tema. Para mim, a noção de transdisciplinaridade é mais adequada. Tem-se um problema e buscam-se as disciplinas para resolvê-lo. Hoje, há muitos campos disciplinares que se encontram. Por

exemplo: onde começa a Química e onde termina a Biologia? Quando trabalhamos sobre um projeto, não podemos afirmar que este item é de Ciências, este outro é de Meteorologia. Cria-se um problema novo, com o projeto, e este problema torna necessário um olhar novo sobre as disciplinas.

- Mas disciplinas como Português e Matemática, que levam ao exigido 'ler, escrever e contar' não podem sair de cena, não?

- O fundamental não é garantir o ensino de Português ou Matemática, mas saber para que ensinamos Português e Matemática. Nosso trabalho, sobretudo nas primeiras séries, é de não separarmos o ensino da língua daquilo que estamos pesquisando, porque a língua é o mediador para a construção da realidade. Quando estamos trabalhando com um projeto, fazemos leituras sobre um assunto, usamos citações e, aí, estamos trabalhando a língua. Se surge a necessidade de parar para refletir sobre um problema específico dessa língua, há espaço para se fazer isso. Hoje, pode ser mais importante aprender Antropologia, Sociologia, Economia do que Matemática, se eu quero construir uma sociedade democrática. Mas, se estudo Economia, necessitarei da Matemática; no entanto, sua função será totalmente diferente. Essa compartimentalização em que, primeiro, se começa com os números até dez, depois produzir a soma desses números etc. não tem mais lugar. Tenho visto meninos de seis anos que já pensam em termos de números galáticos, em quatrilhões. A Matemática deve situá-los nessa informação. A questão, então, é como se ensina Matemática, para se dar sentido ao mundo em que vivemos.

- Em termos práticos, o professor é formado para ensinar determinada disciplina e isso está registrado em seu contra-cheque ou na carteira de trabalho. Haverá um dia em que o professor vai se candidatar a uma vaga de educador, sem que se especifique de que disciplina?

- Estamos falando de uma mudança que não é como mudar de roupa. Essas questões referem-se a processos, que precisam de tempo. Não é incompatível que você entre como professor de Português no sistema, por exemplo. Mas, uma vez dentro da escola, pode redefinir seu lugar, dialogando a partir do projeto que vem se trabalhando ali. O professor vai contribuir com seu conhecimento disciplinar, mas ele é, sobretudo, um educador, que tem que acompanhar os processos de mudança de seus alunos. Uma das causas de os professores, hoje, se sentirem desvalorizados é a de não terem desafios dentro de seu trabalho. E tornar-se um pesquisador e um aprendiz permanente é um desafio maravilhoso. Estamos em momento histórico muito importante porque está em nossas mãos, nas mãos dos professores o poder de definir essa escola.

- Como o professor pode sugerir um problema, um tema a ser trabalhado com os alunos, sem que isso soe como imposição?

- Muitos professores me perguntam se devem partir do interesse das crianças para trabalhar. Eu digo que, às vezes, sim, e, às vezes, pode ser o que o professor considera interessante. O importante é que o professor tenha a capacidade de fazer interessante aquilo que trabalha em sala de aula. Ver como algumas culturas têm um diálogo com a natureza que nós não temos, ou ver por que as culturas africanas foram menosprezadas e desvalorizadas pelos brancos, são temas que uma criança de seis, sete anos não vai sugerir, mas quando o professor traz, tornam-se apaixonantes para ela. E se a família está envolvida, fica mais apaixonante ainda. Esses meninos, em geral, quando saem da escola para casa, continuam a buscar informações. Isso em uma escola como a brasileira, onde a criança fica apenas por quatro horas e meia na escola, é muito importante. A escola precisa abrir os caminhos dessas crianças para que, ao voltarem para casa, não corram direto para a frente da televisão e sim peguem o telefone para ligar para seus colegas, vão a uma biblioteca buscar informações, porque necessitam estar aprendendo.

- Mesmo que não tenham possibilidade de estar na escola o dia inteiro.

- Sim. E, para isso, a tecnologia tem se mostrado muito importante. Estou acompanhando um projeto de uma escola aberta 24 horas, via internet, em que a criança pode estar em sua casa trabalhando, sem que seja necessário separar o espaço da escola do espaço externo. Tivemos experiências interessantes de meninos que saem de férias e continuam a trabalhar. Não por obrigação, mas porque têm outra relação com a escola e com o aprender. Este trabalho que se faz com o aluno não deve ser confundido com uma imposição da vontade da criança.

- Embora mais visada e criticada, a escola pública não está sozinha, quando se aborda a necessidade de mudanças. A escola particular também precisa se reformular, não? Muitas vezes, uma criança de classe média, com outros estímulos consegue formar-se 'apesar' da escola, que camufla, assim, suas falhas...

- A escola particular continua fazendo muito bem seu papel. Muitos meninos são matriculados nas escolas particulares não só para aprender, mas para fazer relações sociais. Porque as relações sociais em um mundo classista têm muito mais valor que o conhecimento. É muito importante que, depois de adulto, você se remeta àquelas relações que manteve na escola.

- As relações com seus 'iguais' ...

- Eles se casam entre si, quando adultos, formando um círculo que vai reproduzir socialmente as relações mantidas na escola. O grande investimento que os pais de classe média fazem em um país como o Brasil não é tanto em educação, no sentido do saber, mas em relações. As escolas são, mais do que instituições educativas, instituições de marketing, porque cuidam da sua imagem. É muito interessante ver como muitas escolas particulares têm mais assessores economistas do que educadores. Conheço muitas em São Paulo.

- A ênfase nas relações e não no conhecimento, na autonomia, na auto-estima, no tornar-se crítico etc. não prejudica a formação das crianças que freqüentam as escolas particulares?

- Se a escola e a sociedade estão definidas por regras marcadas por determinado grupo social e as crianças já pertencem a esse grupo social, sempre têm vantagens. Elas dominam as regras do mundo, mais facilmente do que uma pessoa que pertence a uma outra classe social. A linguagem, o código da escola, qualquer escola, hoje, são de classe média. O desafio é como criar uma escola em que todas as pessoas encontram seu lugar para aprender e para aprender a dar sentido ao mundo em que vivem e ao que acontece com elas. É uma coisa de que a Psicologia e as disciplinas escolares se esqueceram.

- O trabalho por projetos é o melhor caminho para que se tenha uma escola de qualidade, com uma nova relação entre professores e alunos?

- A escola precisa de três coisas fundamentais. Uma é que todo mundo - rico, pobre, preto, branco, homem, mulher - encontre seu lugar para aprender. Outra, é que a escola tem que ajudar a criança a perceber o mundo em que está vivendo e a ela mesma. O terceiro ponto é que a escola não é uma instituição que trata com alunos, mas trata com sujeitos, que têm biografia, identidade e que estão se preparando para viver o mundo hoje - e não o mundo amanhã. É preciso dar a esses meninos critérios para que saibam onde estão vivendo. O modo de fazer, o professor descobre, explora, decide. Esses pontos definiriam quais são as finalidades da educação, hoje. Para se chegar a elas, pode haver várias maneiras. A forma pela qual trabalho é a organização do currículo por projetos.

Jornal do Brasil, Domingo, 27 de agosto de 2000